

---

# I

— Acorde, Panta — diz Pochita. — Já são oito horas. Panta, Pantita.

— Já, oito horas? Puxa, que sono — boceja Pantita.  
— Costurou o meu galão?

— Sim, meu tenente — se perfila Pochita. — Ai, desculpe, capitão. Até eu me acostumar você vai continuar sendo tenentinho, meu amor. Sim, costurei, ficou ótimo. Mas levante-se de uma vez, sua reunião não é às...?

— Às nove, sim — Pantita se ensaboa. — Aonde vão nos mandar, Pocha? Passe a toalha, por favor. Para onde você acha, *chola*?

— Aqui, em Lima — contempla o céu cinzento, as varandas, os automóveis, os pedestres Pochita. — Ai, fico com água na boca: Lima, Lima, Lima.

— Não sonhe, Lima nunca, que esperança — se olha no espelho, amarra a gravata Panta. — Se fosse pelo menos uma cidade como Trujillo ou Tacna, eu ficaria feliz.

— Que engraçada esta notícia no *El Comercio* — franze o rosto Pochita. — Em Leticia um sujeito se crucificou para anunciar o fim do mundo. Foi mandado para o manicômio mas as pessoas o tiraram à força porque acham que ele é santo. Leticia é a parte colombiana da selva, não é?

— Que boa-pinta você está como capitão, filhinho — põe a geléia, o pão e o leite na mesa a senhora Leonor.

— Agora é da Colômbia, mas antes era do Peru, tiraram de nós — passa manteiga numa torrada Panta. — Um pouquinho mais de café, mamãe.

— Se nos mandassem de novo para Chiclayo — junta as migalhas num prato, tira a toalha a senhora Leonor. — Afinal, lá estávamos muito bem, não é mesmo? Para mim, o principal é que não nos mandem para muito longe da costa. Vá, filhinho, boa sorte, com a minha bênção.

— Em nome do Pai e do Espírito Santo e do Filho QUE MORREU NA CRUZ — ergue os olhos para a noite, abaixa os olhos até as tochas o Irmão Francisco. — Minhas mãos estão amarradas, a madeira é oferenda, façam por mim o sinal da cruz!

— O coronel López López está à minha espera, senhori-  
ta — diz o capitão Pantaleão Pantoja.

— E dois generais também — abre os olhinhos a senho-  
rita. — Pode entrar, capitão. Sim, essa aí, a porta marrom.

— Aqui está o homem — se levanta o coronel López López.  
— Entre, Pantoja, parabéns por esse novo galão.

— A melhor nota no exame de promoção, e por una-  
nimidade do júri — aperta sua mão, dá um tapinha no ombro  
o general Victoria. — Muito bem, capitão, assim é que se faz  
carreira para o bem da Pátria.

— Sente-se, Pantoja — aponta para um sofá o general  
Collazos. — Fique à vontade e segure-se bem para ouvir o que  
vai ouvir.

— Não o apavore, Tigre — move as mãos o general  
Victoria. — Assim ele vai pensar que o estamos mandando para  
o matadouro.

— Os chefões da Intendência vieram pessoalmente lhe  
comunicar o seu novo destino, isto significa que a coisa não é  
tão simples — faz uma expressão grave o coronel López López.  
— Sim, Pantoja, trata-se de um assunto bastante delicado.

— A presença destes chefes é uma honra para mim  
— bate o calcanhar no chão o capitão Pantoja. — Caramba, o  
senhor me deixa intrigado, coronel.

— Quer fumar? — tira uma cigareira, um isqueiro o  
Tigre Collazos. — Mas não fique aí em pé, sente-se. Como, não  
fuma?

— Está vendo, desta vez o Serviço de Inteligência acer-  
tou — acaricia uma fotocópia o coronel López López. — Isso  
mesmo: nem fumante, nem pau-d'água nem olho grande.

— Um oficial sem vícios — se admira o general Victo-  
ria. — Já temos alguém para representar as armas no Paraíso,  
junto com Santa Rosa e São Martín de Porres.

— Não exagerem — enrubesce o capitão Pantoja. —  
Devo ter alguns defeitos desconhecidos.

— Sabemos do senhor mais que o senhor mesmo — apanha uma pasta e torna a largar na mesa o Tigre Collazos. — Ficaria pasmo se soubesse quantas horas passamos estudando a sua vida. Sabemos o que fez, o que não fez e até o que vai fazer, capitão.

— Podemos recitar sua folha de serviço de cor — abre a pasta, embaralha fichas e formulários o general Victoria. — Nem uma punição como oficial, e como cadete só meia dúzia de advertências leves. Por isso foi escolhido, Pantoja.

— Entre quase oitenta oficiais da Intendência, nada mais, nada menos — levanta uma sobancelha o coronel López López. — Pode ficar inchado feito um pavão.

— Agradeço o bom conceito que têm de mim — se embaça a vista do capitão Pantoja. — Farei tudo o que puder para corresponder a essa confiança, coronel.

— O capitão Pantaleão Pantoja? — sacode o telefone o general Scavino. — Não estou ouvindo direito. Para que o mandou, Tigre?

— O senhor deixou uma magnífica lembrança em Chiclayo — folheia um relatório o general Victoria. — O coronel Montes estava doido para que ficasse lá. Parece que o quartel funcionava como um relógio graças ao senhor.

— “Organizador nato, senso matemático da ordem, capacidade executiva” — lê o Tigre Collazos. — “Conduziu a administração do regimento com eficácia e verdadeira inspiração.” Nossa, o mestiço Montes se apaixonou pelo senhor.

— Tantos elogios me deixam confuso — abaixa a cabeça o capitão Pantoja. — Só procurei cumprir o meu dever, apenas isso.

— O Serviço das... quê? — solta uma gargalhada o general Scavino. — Nem você nem o Victoria vão conseguir me deixar de cabelo em pé, Tigre, esqueceram que sou calvo?

— Bem, vamos aos fatos — sela os lábios com um dedo o general Victoria. — Este assunto exige a mais absoluta reserva. Falo da missão que vamos lhe confiar, capitão. Solte os bichos, Tigre.

— Em poucas palavras, a tropa da selva está comendo as *cholas* — toma fôlego, pisca, tosse o Tigre Collazos. — Há estupros a granel e os tribunais já nem conseguem julgar tanto safado. Toda a Amazônia está em alvoroço.

— Diariamente nos bombardeiam com informes e denúncias — belisca o queixo o general Victoria. — Chegam comissões de protesto dos povoados mais perdidos.

— Seus soldados abusam das nossas mulheres — espreme o chapéu e perde a voz o prefeito Paiva Runhuí. — Fizeram mal a uma cunhadinha minha há poucos meses, e na semana passada quase abusaram da minha própria esposa.

— Meus soldados não, soldados da Nação — faz gestos apaziguadores o general Victoria. — Calma, calma, senhor prefeito. O Exército lamenta muitíssimo o incidente com sua cunhada e fará tudo o que puder para compensá-la.

— Agora chamam estupro de incidente? — se desconcerta o padre Beltrán. — Porque foi isso o que aconteceu.

— Florcita foi dominada por dois homens uniformizados que vieram da chácara e a violaram no meio da trilha — rói as unhas, pula sem sair do lugar o prefeito Teófilo Morey. — Com uma pontaria tão boa que agora está grávida, general.

— Agora vai identificar esses bandidos, senhorita Dorotea — resmungo o coronel Peter Casahuanqui. — Sem chorar, sem chorar. Vai ver como eu ajeito isto.

— Acha que eu vou lá? — soluça Dorotea. — Ficar sozinha na frente de todos os soldados?

— Eles vão desfilar por aqui, em frente à Delegacia — se esconde por trás da treliça metálica o coronel Máximo Dávila. — Você fica espiando pela janela e os aponta para mim quando descobrir os salientes, senhorita Jesus.

— Salientes? — salpica salivas o padre Beltrán. — Depravados, canalhas e miseráveis, isto é o que eles são. Fazer uma infâmia dessas com dona Asunta! Macular assim o uniforme!

— Luisa Cánepa, minha faxineira, foi estuprada por um sargento, depois por um cabo e depois por um soldado raso — limpa os óculos o tenente Bacacorzo. — Ela gostou da coisa ou sei lá, comandante, mas o fato é que agora se dedica à putaria com o nome de Maminha e tem um veado chamado Milcaras como cafetão.

— Agora diga com qual destas pessoinhas quer se casar, senhorita Dolores — passeia em frente aos três recrutas o coronel Augusto Valdés. — E o capelão casa vocês neste instante. Escolha, escolha, qual deles prefere para papai do seu futuro filhinho?

— Pegaram a minha esposa na própria igreja — permanece rígido na ponta da cadeira o carpinteiro Adriano Lharque. — Na catedral não, na igreja do Santo Cristo de Bagazán, senhor.

— Pois é, queridos radiouvintes — brama o Sinchi. — Esses sacrílegos lascivos não foram contidos pelo temor a Deus nem pelo respeito devido à Sua santa casa nem aos nobres fios grisalhos dessa digníssima matrona, semente já de duas gerações de loretanos.

— Começaram a me puxar, ai meu Jesus, queriam me jogar no chão — chora a senhora Cristina. — Estavam caindo de bêbados e nem queira saber os palavrões que falavam. Na frente do altar-mor, juro.

— É a alma mais caridosa de toda Loreto, general — re-tumba o padre Beltrán. — Foi ultrajada cinco vezes!

— E também a filhinha e a sobrinha e a afilhadinha, já sei, Scavino — sopra a caspa das ombreiras o Tigre Collazos. — Mas esse padre Beltrán está conosco ou com eles? É ou não é capelão do Exército?

— Protesto como sacerdote e também como soldado, general — encolhe a barriga, estufa o peito o comandante Beltrán. — Porque esses abusos fazem tanto dano à instituição quanto às vítimas.

— O que os recrutas pretendiam fazer com aquela senhora é muito errado, claro — contemporiza, sorri, faz vênias o general Victoria. — Mas os parentes quase os mataram de pancadas, não se esqueça disso. Aqui está o laudo médico: costelas quebradas, hematomas, rasgão na orelha. Neste caso houve empate, doutorzinho.

— Iquitos? — pára de umedecer a camisa, levanta o ferro Pochita. — Nossa, como nos mandam para longe, Panta.

— Com madeira você faz o fogo que cozinha seus alimentos, com madeira você constrói a casa onde mora, a cama onde dorme e a balsa em que atravessa o rio — paira sobre o bosque de cabeças imóveis, caras ofegantes e braços abertos o Irmão Francisco. — Com madeira você fabrica o arpão que pesca o peixe, a zarabatana que caça a capivara e o caixão onde enterra o morto. Irmãs! Irmãos! Ajoelhem-se por mim!

— É um baita problema, Pantoja — balança a cabeça o coronel López López. — Em Contamana, o prefeito emitiu um

comunicado pedindo à população local que deixe as mulheres trancadas em casa nos dias de folga da tropa.

— E, principalmente, como é longe do mar — solta a agulha, arremata o fio e o corta com os dentes a senhora Leonor. — Será que lá na selva há muito pernilongo? Eles são o meu suplício, você sabe.

— Olhe esta lista — coça a testa o Tigre Collazos. — Quarenta e três grávidas em menos de um ano. Os capelães do padre Beltrán casaram umas vinte, mas, é claro, o problema exige medidas mais radicais que os casamentos forçados. Até agora, castigos e vinganças não mudaram o panorama: todo soldado que chega na selva vira logo um porra-louca.

— Mas você parece o mais desanimado com este lugar, meu amor — começa a abrir e sacudir as malas Pochita. — Por quê, Panta?

— Deve ser o calor, o clima, não acha? — se anima o Tigre Collazos.

— Pode ser, general — gagueja o capitão Pantoja.

— A umidade morna, essa exuberância da natureza — passa a língua pelos lábios o Tigre Collazos. — Sempre acontece comigo: é chegar na selva e começar a respirar fogo, sentir o sangue ferver.

— Se a generala ouvisse isto — ri o general Victoria —, ai das suas garras, Tigre.

— A princípio pensamos que era a alimentação — dá um tapa na barriga o general Collazos. — Que nos quartéis se usava muito tempero, coisas que aumentam o apetite sexual das pessoas.

— Consultamos especialistas, até um suíço que custou os olhos da cara — esfrega dois dedos o coronel López López. — Um nutricionista cheio de títulos.

— *Pas d'inconvénient* — anota numa caderneta o professor Bernard Lahoé. — Vamos planejar uma alimentação que, sem reduzir as proteínas necessárias, enfraqueça a libido dos soldados em 85%.

— Não vá exagerar — murmura o Tigre Collazos. — Também não queremos uma tropa de eunucos, doutor.

— Horcones chamando Iquitos, Horcones chamando Iquitos — parece impaciente o alferes Santana. — Sim, muito grave, extremamente urgente. Não obtivemos os resultados pre-

vistos com a operação Rancho Suíço. Meus homens estão morrendo de fome, ficando tuberculosos. Hoje desmaiaram mais dois na revista, comandante.

— Não é brincadeira, Scavino — segura o telefone entre a orelha e o ombro enquanto acende um cigarro o Tigre Collazos. — Procuramos até cansar, e esta é a única solução. Vou lhe mandar o Pantojita com a mãe e a mulher. Faça bom proveito.

— Pochita e eu já nos acostumamos com a idéia e estamos felizes de ir para Iquitos — dobra lenços, arruma saias, embrulha sapatos a senhora Leonor. — Mas você continua de crista caída. O que é isso, filhinho.

— O senhor é o homem certo, Pantoja — fica em pé o coronel López López e o segura pelos braços. — Vai acabar com essa dor de cabeça.

— Apesar de tudo é uma cidade, Panta, e parece que linda — joga panos no lixo, dá nós, fecha bolsas Pochita. — Não faça essa cara, seria pior ir para a puna, não é mesmo?

— Na verdade, coronel, não tenho idéia como — engole saliva o capitão Pantoja. — Mas farei o que me ordenarem, naturalmente.

— Por enquanto, vá para a selva — pega um ponteiro e indica um lugar no mapa o coronel López López. — Seu centro de operações será Iquitos.

— Vamos chegar à raiz do problema e liquidá-lo na sua origem — bate o punho na mão aberta o general Victoria. — Porque, como já deve ter adivinhado, Pantoja, o problema não é só das senhoras atacadas.

— Também é dos recrutas condenados a viver como castos pombinhos naquele calor pecaminoso — estala a língua o Tigre Collazos. — Servir na selva é duro, Pantoja, muito duro.

— Nos povoados amazônicos todas as saias têm dono — gesticula o coronel López López. — Não há bordéis nem garotas de programa nem nada parecido.

— Passam a semana inteira isolados, cumprindo missões no mato, sonhando com o dia de folga — imagina o general Victoria. — Caminham quilômetros até o povoado mais próximo. E o que acontece quando chegam?

— Nada, pela maldita falta de fêmeas — encolhe os ombros o Tigre Collazos. — Então, os que não batem punheta

perdem o juízo e no primeiro copinho de aguardente se jogam feito pumas no que estiver à sua frente.

— Houve casos de veadagem e até de bestialismo — precisa o coronel López López. — Imagine que um cabo de Horcones foi surpreendido tendo vida marital com uma macaca.

— A símia responde pelo absurdo apelido de Chupa-chupa da Quinta Esquadra — prende a risada o alferes Santana. — Ou melhor, respondia, porque a matei com um tiro. O degenerado está no calabouço, coronel.

— Enfim, a abstinência nos traz uma corrupção dos diabos — diz o general Victoria. — E desmoralização, nervosismo, apatia.

— Precisamos dar de comer a esses famintos, Pantoja — olha solene nos seus olhos o Tigre Collazos. — É aí que o senhor entra, aí é que vai aplicar seu cérebro organizador.

— Por que está tão aturdido e tão quietinho, Panta? — guarda a passagem na bolsa, pergunta: onde é a saída para o avião? Pochita — Vamos ter um grande rio, podemos tomar banho, visitar as tribos. Anime-se, bobinho.

— O que houve que você está tão esquisito, filhinho — observa as nuvens, as hélices, as árvores a senhora Leonor. — Não abriu a boca em toda a viagem. Por que está tão preocupado?

— Não é nada, mamãe, nada, Pochita — aperta o cinto de segurança Panta. — Estou bem, não é nada. Olhem, já estamos chegando. Este deve ser o rio Amazonas, não é?

— Você passou todos estes dias feito um idiota — põe os óculos escuros, tira o casaco Pochita. — Não falava nada, ficava sonhando de olhos abertos. Ai, que inferno. Nunca vi você tão mudado, Panta.

— Eu estava um pouco preocupado com o meu novo destino, mas já passou — tira a carteira, dá umas notas ao motorista Panta. — Sim, chefe, número 549, o Hotel Lima. Espere, mamãe, eu ajudo você a descer.

— Você é militar, não é? — joga a bolsa de viagem numa cadeira, tira os sapatos Pochita. — Sabia que podia ser mandado para qualquer lugar. Iquitos não é nada mau, Panta, não está vendo que parece um lugar simpático?

— Tem razão, estou me comportando feito um bobo — abre o armário, pendura um uniforme, um terno Panta. —

Devia estar acostumado demais com Chiclayo; palavra de honra que já passou. Bem, vamos abrir as malas. Que calorzinho, não é, *chola*?

— Por mim, passaria a vida dentro do hotel — deita de costas na cama, se espreguiça Pochita. — Aqui fazem tudo por você, não é preciso se preocupar com nada.

— E seria adequado receber o cadete Pantoja num hotelzinho? — tira a gravata, a camisa Panta.

— O cadete Pantoja? — abre os olhos, desabotoa a blusa, apóia um cotovelo no travesseiro Pochita. — Sério? Já podemos encomendar, Pantita?

— Não prometi que seria quando chegasse o terceiro galão? — estica, dobra e pendura a calça Panta. — Vai ser lorentano, que coisa.

— Maravilhoso, Panta — ri, aplaude, toma impulso no colchão Pochita. — Ai, que felicidade, o cadetinho, Pantita Júnior.

— Temos que encomendar o quanto antes — abre e estica as mãos Panta. — Para que chegue rapidinho. Venha, *chola*, não fuja.

— Espere, espere, o que é isso? — salta da cama, corre para o banheiro Pochita. — Ficou maluco?

— Vamos, vamos, o cadetinho — tropeça numa mala, derruba uma cadeira Panta. — Vamos encomendar agora mesmo. Vamos, Pochita.

— Mas são 11 da manhã, acabamos de chegar — gesticula, afasta, empurra, fica zangada Pochita. — Solte, sua mãe vai nos ouvir, Panta.

— Para estrear Iquitos, para estrear o hotel — ofega, luta, abraça, escorrega Pantita. — Venha, amorzinho.

— Veja só o que ganhou com tanta denúncia e tanto comunicado — brande um ofício repleto de carimbos e assinaturas o general Scavino. — O senhor também tem culpa disso, comandante Beltrán: veja o que esse sujeito veio organizar em Iquitos.

— Vai rasgar a minha saia — se protege atrás do armário, joga um travesseiro, pede paz Pochita. — Não o estou reconhecendo, Panta, sempre tão educadinho, o que há com você. Deixe, eu tiro.

— Queria curar um mal, não causar — lê e relê a cara compungida do comandante Beltrán. — Nunca imaginei que o remédio seria pior que a doença, general. É inconcebível, iníquo. Vai permitir esse horror?

— O sutiã, as meias — transpira, deita, se encolhe, se estica Pantita. — O Tigre tinha razão: a umidade morna, a gente respira fogo, o sangue ferve. — Vem, me belisque onde eu gosto. A orelhinha, Pocha.

— Sinto vergonha assim de dia, Panta — reclama, se enrola na colcha, suspira Pochita. — Você vai adormecer, não tem que estar no Comando às três? Acaba sempre adormecendo.

— Tomo uma chuveirada — se ajoelha, se dobra, se desdobra Pantita. — Não fale nada, não me distraia. Belisque minha orelhinha. Assim, assim. Ai, já sinto que vou desmaiar, *chola*, já nem sei quem sou.

— Sei muito bem quem você é e para que veio a Iquitos — resmunga o general Roger Scavino. — E, de cara, quero logo dizer que não estou nem um pouco feliz com a sua presença nesta cidade. Gosto das coisas claras desde o começo, capitão.

— Desculpe, general — balbucia o capitão Pantoja. — Deve haver algum mal-entendido.

— Não estou de acordo com o Serviço que o senhor vem organizar — aproxima a careca do ventilador e abaixa os olhos por um instante o general Scavino. — Eu me opus a ele desde o começo e continuo pensando que é uma barbaridade.

— E, acima de tudo, uma imoralidade sem nome — se abana com fúria o padre Beltrán.

— O comandante e eu não dissemos nada porque os superiores mandam — desdobra seu lenço e enxuga o suor da testa, das têmporas, do pescoço o general Scavino. — Mas não nos convenceram, capitão.

— Eu não tenho nada a ver com esse projeto, general — transpira imóvel o capitão Pantoja. — Foi a maior surpresa da minha vida quando me comunicaram, padre.

— Comandante — corrige o padre Beltrán. — Não sabe contar os galões?

— Perdão, comandante — bate ligeiramente os calcanhares o capitão Pantoja. — Não interfere em absoluto, juro.

— O senhor não é um dos cérebros da intendência que conceberam essa nojeira? — pega o ventilador, aponta para a própria cara, o crânio, pigarreia o general Scavino. — De todo modo, há algumas coisas que devem ficar bem claras. Não posso evitar que isso vá em frente, mas farei com que a coisa respingue o menos possível nas Forças Armadas. Ninguém vai arranhar a imagem que o Exército conquistou em Loreto desde que estou à frente da Quinta Região.

— Este também é o meu desejo — olha por cima do ombro do general a água barrenta do rio, um barco carregado de bananas, o céu azul, o sol ígneo o capitão Pantoja. — Estou disposto a fazer o possível.

— Porque aqui, se a notícia se espalhar, vai ser um Deus nos acuda — eleva a voz, se levanta, põe as mãos no batente da janela o general Scavino. — Os estrategistas de Lima planejam suas sacanagens, bem sossegados lá nos seus escritórios, porque quem vai enfrentar a tempestade se a coisa vier a público é o general Scavino.

— Eu concordo com o senhor, tem que acreditar — transpira, vê as mangas do uniforme se encharcarem, implora o capitão Pantoja. — Eu jamais pediria esta missão. É tão diferente do meu trabalho habitual que nem sei se vou ser capaz de cumpri-la.

— Sobre madeira seu pai e sua mãe se juntaram para fazer você e sobre madeira aquela que o pariu empurrou e abriu as pernas para parir você — ulula e tropeja, lá em cima, nas trevas, o Irmão Francisco. — A madeira sentiu o seu corpo, se avermelhou com seu sangue, recebeu suas lágrimas, se umedeceu com o seu suor. A madeira é sagrada, o tronco traz saúde. Irmãs! Irmãos! Abram os braços por mim!

— Por esta porta vão desfilar dezenas de pessoas, este escritório vai se encher de protestos, de abaixo-assinados, de cartas anônimas — se agita, dá uns passos, volta, abre e fecha o leque o padre Beltrán. — A Amazônia inteira vai botar a boca no mundo e achar que o arquiteto do escândalo é o general Scavino.

— Já estou ouvindo o Sinchi, aquele demagogo, vomitando calúnias contra mim pelo microfone — dá meia-volta, transfigurado, o general Scavino.

— Minhas instruções são de que o Serviço funcione no maior segredo — se atreve a tirar o quepe, a passar um lenço na

testa, a limpar os olhos o capitão Pantoja. — Vou cumprir essa determinação com muito rigor, meu general.

— E que diabos poderia inventar para aplacar as pessoas? — grita, rodeia a mesa o general Scavino. — Será que pensaram em Lima no papel que vou ter que representar?

— Se o senhor preferir, posso pedir hoje mesmo minha transferência — empalidece o capitão Pantoja. — Para lhe demonstrar que não tenho qualquer interesse no Serviço de Visitadoras.

— Olhe só o eufemismo que os gênios arranjam — bate o pé de costas para o capitão Pantoja, olhando para o rio que cintila, as cabanas, a planície de árvores o padre Beltrán. — Visitadoras, visitadoras.

— Nada de transferências, em uma semana eles mandariam outro intendente — torna a se sentar, a se ventilar, a enxugar a careca o general Scavino. — Depende do senhor que isto não prejudique o Exército. Tem uma responsabilidade nos ombros do tamanho de um vulcão.

— Pode dormir tranqüilo, general — enrijece o corpo, joga os ombros para trás, olha para a frente o capitão Pantoja. — O que mais respeito e amo na vida é o Exército.

— A melhor maneira que tem de servi-lo agora é mantendo-se afastado dele — suaviza o tom e ensaia uma expressão amável o general Scavino. — Enquanto estiver no comando desse Serviço, pelo menos.

— Como? — pisca o capitão Pantoja. — O que foi que disse?

— Não quero que ponha os pés no Comando nem nos quartéis de Iquitos — expõe às hélices invisíveis que não paravam de zumbir a palma, o dorso das mãos o general Scavino. — O senhor fica proibido de participar de todos os atos oficiais, desfiles, te-déuns. Também de usar uniforme. Deve estar sempre de trajes civis.

— Devo me vestir à paisana até mesmo no meu trabalho? — continua piscando os olhos o capitão Pantoja.

— Seu trabalho vai ser bem longe do Comando — observa-o com receio, com consternação, com piedade o general Scavino. — Não seja ingênuo, rapaz. Imaginou que ia poder abrir um escritório aqui, para o tráfico que vai organizar? Destinei para isso um depósito nos arredores de Iquitos, à beira do rio.

Esteja sempre à paisana. Ninguém deve saber que esse lugar tem a menor ligação com o Exército. Entendido?

— Sim, general — sobe e desce a cabeça o boquiaberto capitão Pantoja. — Só que, enfim, eu não esperava uma coisa assim. Vai ser, bem, como trocar de personalidade.

— Faça de conta que foi mandado para o Serviço de Inteligência — sai da janela, se aproxima dele, dá um sorriso benevolente o comandante Beltrán —, que a sua vida depende da sua capacidade de passar despercebido.

— Tentarei me adaptar, general — balbucia o capitão Pantoja.

— E é melhor que não vá morar na Vila Militar, de modo que pode procurar uma casinha na cidade — passa o lenço nas sobrancelhas, orelhas, lábios e nariz o general Scavino. — E lhe peço que não mantenha relações com os oficiais.

— Quer dizer relações de amizade, general? — se engasga o capitão Pantoja.

— Não vai ser de amor — ri ou ronca ou tosse o padre Beltrán.

— Já sei que é duro, que vai ser difícil — afirma com amabilidade o general Scavino. — Mas não há outra fórmula, Pantoja. Na sua missão, vai ter contato com toda a ralé da Amazônia. A única maneira de evitar que isso atinja a instituição é sacrificando a si mesmo.

— Em resumo, tenho que esconder minha condição de oficial — vê ao longe um menino nu subindo numa árvore, uma garça rosada e manca, um horizonte de matagais flamejantes o capitão Pantoja. — Preciso me vestir como civil, conviver com os civis, trabalhar como um civil.

— Mas pensar sempre como militar — dá um soco na mesa o general Scavino. — Designei um tenente para servir de enlace entre nós. Vão se encontrar uma vez por semana e, por intermédio dele, o senhor me presta conta de suas atividades.

— Não tenha a menor preocupação: serei um túmulo — ergue o copo de cerveja e diz saúde o tenente Bacacorzo. — Estou a par de tudo, capitão. Podemos nos encontrar às terças-feiras? Pensei que o ponto de encontro pode ser sempre em barzinhos, bordéis. Agora o senhor vai ter que frequentar muito esses ambientes, não é mesmo?

— Ele me fez sentir um delinqüente, uma espécie de leproso — passa em revista os macacos, papagaios e pássaros empalhados, os homens que bebem em pé no balcão o capitão Pantoja. — Como diabos vou começar a trabalhar se o próprio general Scavino está me sabotando? Se os próprios superiores começam a me desanimar, a pedir que me disfarce, que não me deixe ver?

— Você foi tão contente para o Comando, e agora volta com essa cara de tonto outra vez — se levanta, dá um beijo em sua bochecha Pochita. — O que foi, Panta? Chegou tarde e o general Scavino esbravejou?

— Vou ajudar no que puder, capitão — o tenente Bacacorso lhe oferece lasquinhas de babunha fritas. — Não sou especialista, mas farei o possível. Não reclame, muitos oficiais dariam qualquer coisa para estar na sua pele. Pense na liberdade que vai ter; o senhor mesmo decidirá seus horários, seu sistema de trabalho. Além de outras coisas gostosas, capitão.

— Vamos morar aqui, neste lugar tão feio? — a senhora Leonor olha as paredes descascadas, o assoalho sujo, as teias de aranha no teto. — Por que não lhe deram uma casa na Vila Militar, que é tão bonita? Outra vez sua falta de firmeza, Panta.

— Não pense que sou derrotista, Bacacorso, é que estou completamente perdido — prova, mastiga, engole, sussurra que gostoso o capitão Pantoja. — Sou um bom administrador, isso sim. Mas me tiraram do meu ambiente, e aqui não sei fazer nem desfazer.

— Já deu uma olhada no seu centro de operações? — enche de novo os copos o tenente Bacacorso. — O general Scavino mandou uma circular: nenhum oficial de Iquitos pode se aproximar desse depósito do rio Itaya, sob pena de trinta dias de prisão.

— Ainda não, vou amanhã cedo — bebe, limpa a boca, contém um arrotos o capitão Pantoja. — Porque, vamos ser francos, para cumprir essa missão como me pedem, eu teria que ter experiência na matéria. Conhecer o mundo da noite, ter sido um pouco farrista.

— Você vai ao Comando assim, Panta? — se aproxima, apalpa a camisa sem mangas, fareja a calça azul, o bonezinho Pochita. — E o seu uniforme?

— Infelizmente, não é o meu caso — se entristece, esboça um gesto envergonhado o capitão Pantoja. — Nunca fui bagunceiro. Nem mesmo quando era rapaz.

— Por que não podemos conviver com as famílias dos oficiais? — brande o espanador, a vassoura, um balde, sacode, limpa, varre, se espanta a senhora Leonor. — Por que temos que viver como civis?

— Quando eu era cadete, nos dias de folga preferia ficar estudando na Escola — recorda nostálgico o capitão Pantoja. — Dando duro em matemática, principalmente, minha matéria preferida. Nunca ia às festas. Parece mentira, mas só aprendi as danças mais fáceis: o bolerinho e a valsa.

— Por que nem os vizinhos podem saber que você é capitão? — esfrega vidros, molha pisos, pinta paredes, se assusta Pochita.

— Pois é terrível isso que acontece comigo — olha em volta com apreensão, fala bem perto do ouvido do outro o capitão Pantoja. — Como alguém que nunca na vida teve contato com visitadoras pode organizar um Serviço de Visitadoras, Bacacorso?

— Uma missão especial? — encera portas, forra armários, pendura quadros Pochita. — Você vai trabalhar no Serviço de Inteligência? Ah, agora entendo tanto mistério, Panta.

— Quando imagino os milhares de soldados que estão esperando, que confiam em mim — vasculha as garrafas, se emociona, sonha o capitão Pantoja —, que contam os dias e pensam: eles já vêm, já estão chegando, fico até arrepiado, Bacacorso.

— Que segredo militar que nada — arruma armários, costura cortinas, espana abajures, troca lâmpadas a senhora Leonor. — Segredos com a sua mãezinha? Conte, conte.

— Eu não quero decepcioná-los — se angustia o capitão Pantoja. — Mas por onde vou começar, merda?

— Se não me contar, vai sair perdendo — arruma camas, estende toalhas de mesa, lustra móveis, guarda copos, pratos e talheres no aparador Pochita. — Nunca mais belisquinhos onde você gosta, nunca mais mordidinhas na orelha. Como você preferir, meu filho.

— Pelo começo, capitão — incentiva com um sorriso e um brinde o tenente Bacacorso. — Se as visitadoras não vêm ao

capitão Pantoja, o capitão Pantoja deve ir às visitadoras. É o mais simples, acho.

— Agente secreto, Panta? — esfrega as mãos, contempla o quarto Pochita, resmunga como melhoramos esta pocilga, não é, dona Leonor? — Como nos filmes? Ai, amor, que emocionante.

— Dê uma voltinha esta noite pela zona de puteiros de Iquitos — anota endereços no guardanapo o tenente Bacacorzo. — O Mao Mao, o 007, Gato Torto, Sanjuancito. Para se familiarizar com o ambiente. Eu o acompanharia com prazer mas, já sabe, as instruções de Scavino são terminantes.

— Aonde vai tão elegante, filhinho? — a senhora Leonor responde: é, ninguém reconhecera, Pochita, merecemos um prêmio. — Caramba, como caprichou, até gravata. Vai morrer de calor. Uma reunião de alto nível? À noite? Que engraçado você bancar o agente secreto, Panta. Está bem, shhh, shh, bico calado.

— Pergunte em qualquer desses locais pelo China Porfirio — dobra e guarda o guardanapo no seu bolso o tenente Bacacorzo. — É um sujeito que pode ajudá-lo. Consegue “lavadeiras” a domicílio. Sabe o que são, não é?

— Por isso Ele não morreu afogado, nem queimado, nem enforcado, nem apedrejado nem esfolado — geme e chora acima do crepitar das tochas e do rumor das rezas o Irmão Francisco. — Por isso foi pregado num tronco, por isso preferiu a cruz. Ouça quem quiser ouvir, entenda quem quiser entender. Irmãs! Irmãos! Dêem três pancadas no peito por mim!

— Boa-noite, ehem, hmm, atchim — assoa o nariz, se senta no banquinho, apóia o cotovelo no balcão Pantaleão Pantoja. — Sim, uma cerveja, por favor. Acabei de chegar a Iquitos, estou me familiarizando com a cidade. Este lugar se chama Mao Mao? Ah, por isso as flechas, os totens, entendi.

— Aqui está, bem gelada — serve, enxuga o copo, aponta para o salão o garçom. — Sim, Mao Mao. Não há quase ninguém porque hoje é segunda-feira.

— Eu gostaria de saber uma coisa, ehem, hmm, hmm — limpa a garganta Pantaleão Pantoja —, se não for incômodo. Como curiosidade, simplesmente.

— Onde se conseguem vadias? — forma uma argola com o polegar e o indicador o garçom. — Aqui mesmo, mas

hoje foram ver o Irmão Francisco, o santo da cruz. Dizem que veio do Brasil a pé, e também que faz milagres. Mas veja só quem está entrando. Ei, Porfirio, venha cá. Quero lhe apresentar este senhor, está interessado em informações turísticas.

— Boldéis e meninas? — pisca um olho, faz uma reverência, aperta-lhe a mão o China Porfirio. — Sem dúvida, senhol. Com plazel em dois minutos lhe dou um panolama. Vai lhe costal apenas uma celvejinha, balato, não é?

— Muito prazer — indica que se sente no banquinho ao lado Pantaleão Pantoja. — Sim, é claro, uma cerveja. Não vá imaginar coisas, eu não tenho um interesse pessoal nessa história, é só técnico.

— Técnico? — se espanta o garçom. — Espero que não seja um informante, senhor.

— Boldéis, há pouquinhos — mostra três dedos o China Porfirio. — À sua saúde e vida boa. Dois decentes e um poblinho, pla mendigos. E há também meninas que vão de casa em casa, pol sua conta. As lavadeiras, sabia?

— Ah, é? Que interessante — estimula com sorrisos Pantaleão Pantoja. — É pura curiosidade, eu não freqüento esses ambientes. O senhor tem conhecimentos? Quero dizer, amizades, contatos nesses lugares?

— Onde houver putaria o China está em casa — ri o garçom. — Por isso o chamam de Fumanchú de Belén, não é, compadre? Belén, o bairro das casas flutuantes, a Veneza da Amazônia, já passeou por lá?

— Já fiz de tudo na vida e não dói, senhol — sopra a espuma e bebe um gole o China Porfirio. — Não ganhei dinheilo mas sim expeliência. Bilheteilo de cinema, motolista de lancha, caçadol de coblas pla expoltação.

— E de todos os empregos foi expulso por sua inclinação por putas e sacanagem, meu irmão — lhe acende um cigarro o garçom. — Cante para o moço o que sua patroa lhe profetizou.

*Chinês que nasce pobletão  
Mole cáften ou ladlão*

Canta e festeja com gargalhadas o China Porfirio.

— Ai, minha mãezinha linda que está no santo céu. Como só se vive uma vez, temos que aproveitar, não é mesmo? Tlçamos a segunda geladinha da noite, senhol?

— Está bem, mas, ehem, hmm — se ruboriza Pantaleão Pantoja —, pensei em uma coisa melhor. Por que não mudamos de cenário, meu amigo?

— O senhor Pantoja? — transpira mel a senhora Chuchupe. — Prazer, pode entrar, a casa é sua. Aqui tratamos bem todo mundo, menos os putos dos milicos, que só pedem desconto. Olá, chinês bandido.

— O senhol Pantoja vem de Lima e é meu amigo — beija bochechas, belisca traseiros o China Porfirio. — Vai ablil um negocinho aqui. Já sabe, selviço de luxo, Chuchupe. Este anão se chama Chupito e é o mascote do local, senhol.

— É melhor dizer gerente, barman e guarda-costas, puta-que-o-pariu — traz garrafas, recolhe copos, recebe contas, liga o toca-discos, leva mulheres para a pista de dança Chupito. — Então é a primeira vez que vem à Casa Chuchupe? Não será a última, vai ver. Hoje há poucas garotas porque todas foram ver o Irmão Francisco, que fez aquela grande cruz na margem do lago Morona.

— Eu também estive lá, havia um bocado de gente, os batedoles de calteila deviam estal fazendo a festa — distribui oizinhos o China Porfirio. — Um disculsadol fantástico, o Ilmão. Não dava pla entendel muito, mas emocionava as pessoas.

— Tudo o que se pregar num tronco é oferenda, tudo o que acaba na madeira se eleva e é recebido pelo QUE MORREU NA CRUZ — salmodia o Irmão Francisco. — A borboleta colorida que alegra a manhã, a rosa que perfuma o ar, o morcego com olhinhos que brilham na noite e até o ressentimento que se incrusta sob as unhas. Irmãs! Irmãos! Ergam cruces por mim!

— Que cara de homem sério, mas se anda com este chinês não deve ser tão sério assim — limpa a mesa com o braço, oferece cadeiras, se açucara Chuchupe. — Vamos lá, Chupito, uma cerveja e três copos. A primeira rodada é por conta da casa.

— Sabe o que é uma *chuchupe*? — assobia, mostra uma pontinha da língua o China Porfirio. — A cobla mais venenosa da Amazônia. Imagine as coisas que esta senhola diz do gênelo humano pla ganhal semelhante apelido.

— Quietinho, maltrapilho — tampa a sua boca, enche os copos, sorri Chuchupe. — À sua saúde, senhor Pantoja, bem-vindo a Iquitos.

— Uma língua vipelina — mostra as tranças nuas das paredes, o espelho danificado, os abajures vermelhos, as franjas dançantes da poltrona multicolorida o China Porfirio. — Só que é uma boa amiga e esta casa, embola já tenha uns bons anos, é a melhol de Iquitos.

— Dê uma olhada no que temos de material, confira — vai apontando Chupito —: caboclas, brancas, japonesas, até uma albina. A Chuchupe tem ótimo olho para escolher seu pessoal, senhor.

— Que boa música, meus pés já estão coçando — se levanta, pega uma mulher pelo braço, arrasta-a para a pista, dança o China Porfirio. — Licencinha, pla sacudil o esqueleto. Venha cá, popozinha.

— Posso lhe pagar uma cerveja, senhora Chuchupe? — esboça um sorriso sem jeito, sussurra Pantaleão Pantoja. — Gos-taria de lhe pedir mais informações, se não for incômodo.

— Que sem-vergonha simpático este China, nunca tem um tostão mas como alegre a noite — amassa um papel, joga na cabeça de Porfirio, acerta o alvo Chuchupe. — Não sei o que elas vêm no sujeito, mas todas fazem qualquer coisa por ele. Veja como se mexe.

— Coisas relacionadas com o seu, ehem, hmm, negócio — insiste Pantaleão Pantoja.

— Sim, com prazer — fica séria, concorda, autopsia o homem com o olhar Chuchupe —, mas não pensei que tinha vindo falar de negócios e sim para outra coisa, senhor Pantoja.

— Uma dor de cabeça terrível — se encolhe, se cobre com os lençóis Pantita. — Estou com o corpo moído, cheio de calafrios.

— Claro que está, claro que está, e se quer saber fico muito feliz — bate o pé no chão Pochita. — Você foi se deitar quase às quatro da manhã e chegou caindo pelas tabelas, seu idiota.

— Vomitou três vezes — se esfalfa entre panelas, pias e toalhas a senhora Leonor —, deixou o quarto fedendo, filhinho.

— Você vai me explicar o que isso significa, Panta — se aproxima da cama, solta faíscas pelos olhos Pochita.

— Já disse, amor, é coisa de trabalho — protesta entre os travesseiros Pantita. — Você sabe muito bem que eu não bebo, que não gosto da madrugada. Fazer essas coisas é um suplício para mim, *chola*.

— Quer dizer que vai continuar fazendo? — gesticula, faz biquinho Pochita. — Vir dormir de manhã, ficar bêbado? Isso é que não, Panta, juro, isso é que não.

— Vamos, não briguem — cuida do equilíbrio do copo, da jarra, da bandeja a senhora Leonor. — Agora, filhinho, bote estes panos frios na testa e tome este Alka-Seltzer. Rápido, com as bolhinhas.

— É o meu trabalho, é a missão que me deram — se desespera, emagrece, perde a voz Pantita. — Eu odeio isso, você tem que acreditar em mim. Não posso dizer nada, não me faça falar, seria gravíssimo para a minha carreira. Tenha confiança em mim, Pocha.

— Você esteve com mulheres — explode em soluços Pochita. — Os homens não bebem até o amanhecer sem mulheres. Tenho certeza que esteve, Panta.

— Pocha, Pochita, minha cabeça está explodindo, as costas doendo — aperta um pano em cima da testa, procura embaixo da cama, puxa um penico, cospe saliva e bile Pantita. — Não chore, você me faz sentir um criminoso, e eu não sou, juro que não sou.

— Feche os olhinhos, abra a boquinha — avança uma xícara fumegante, franze a boca a senhora Leonor. — É agora este cafezinho quentinho, filhinho.